

Antologia Poética de Manoel Reid

Manoel Reid



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Dedico a minha obra aos que enxergam

Aos que escutam

Aos que se negam a dizer

Aos que somente podem viver

Contemplando o tudo

E o sabor do real

E suas possibilidades

Mesmo que só vento

Mesmo que seja único

Agradecimentos

Ao nosso Senhor Jesus Cristo,
Luz e fonte de todo o bem, Amor Supremo.
Que me dá vista ao Belo

E a todos os grandes poetas, pequenos ou grandes
Que, de um jeito ou de outro
Guiaram-me até aqui

Sobre o autor

Manoel Reid é um poeta baiano. Sua escrita transita entre o sensorial e o contemplativo, explorando desejo, intimidade, paisagem, memória e estados de transformação.

Em seus poemas, imagens concretas frequentemente se misturam a percepções subjetivas, criando uma linguagem marcada pela atmosfera e pela sugestão. O corpo, a natureza e as relações humanas aparecem menos como temas isolados e mais como territórios onde tensão, desejo e contemplação se encontram.

Sua poesia busca preservar a liberdade do verso e da imagem, ritmo e construção de atmosferas. Entre o íntimo e o vasto, sua escrita procura transformar experiências aparentemente simples em estados de percepção.

resumo

De Litteris Eroticis: Carta para Joicy

Epifanias de um Mito: I (prólogo)

Epifanias de um Mito: II

Epifanias de um Mito: III

Epifanias de um Mito: IV

Epifanias de um Mito: V

Epifanias de um Mito: VI

Epifanias de um Mito: VII

Epifanias de um Mito: VIII

Epifanias de um Mito: IX

Epifanias de um Mito: X (epílogo)

De Litteris Eroticis: Carta para Giselle

De Litteris Eroticis: Carta para Camila

De Litteris Eroticis: Carta para Amélia

Antros e Intermitências: I

De Litteris Eroticis: Carta para Joicy

*Nossa prosa se matou
Num mesmo instante
No devido instante
Em que servimos
Ao nada, ao abismo
À distância que incorre
Entre nossas vozes*

*Que não vingue agora
Mas não brote nunca
E nem dê frutos
Quando tu nem sabes
Que eu te cavo
Todos os dias
Sem deixar rastros*

*Vês? Diga.
Obediente, rápido.
Disposta e sorridente
Para que eu me acalme
A graça é clara
O charme está
Em ser negado*

*Gestos crípticos
E libras tântricas
Não me fazem
Não me sabem
Não, Joicy,
Não lhe terei
De mau grado*

Desejante, podes vir

*Fogosa, se puderes
Mas se teu busto amansa
E as entranhas dormem
Quem dirá, meu bem
Que foi verdade,
Que foi vontade?*

*Não, Joicy, eu duvido
Que tua boca dobra
Que teu cheiro mente
E tuas pernas abrem
Só por capricho
E que teu gozo
Seja só acaso*

*Eu cato as deixas
As viradas, os retoques
Os bombordos, as estivas
De qualquer trejeito
Ou melhor dizendo
De todos os modos
Em que me chamas*

*Mãos que falham
Mãos trabalham
Em me dopar
Em te provar
São essas tuas
Que me alisam
Nas entrelinhas*

*Quero ser dominado
Humilhado, debulhado
Por seus gemidos, estilhaçado
No teu ventre, encharcado
De uma ideia vil*

*Violenta e doce noção
De mulher*

*Tez morena, e tão rubra
Que me lava em tua vulva
Em tua boca, agridoce
Faz-me servo do teu ego
Renuncio, ao teu esmero
Desmonta-me, faz fluir
O jorro que não cessa*

Epifanias de um Mito: I (prólogo)

Ondas plácidas
Póstumas, cruas
Infantis

Obliterante
Alento cáustico
Sob o firmamento

Onde todos afundam
Onde o tudo se une
Em um

Sombra de mim
Resto de um sim
Carnal

Jaz um ídolo
Caído, carcomido
Serei seu mártir

Das minhas mãos
Diluídos
Sangue e espuma

Epifanias de um Mito: II

*Lacerada a minha voz
Genitora inconsequente
De um ser vil*

*Que horas decadentes
Me fizeram viver
Um gozo travestido*

*De gritos, horrores sem fim
De ritos, conduções
Adstringentes*

*Pois como néscio, vendi
O devir, e o querer
Numa aposta*

*Oh, agonia
Que erege em minh'alma
Um pandemônio*

*Subvertida, consciência
Aprazida, futilidade
Do ser*

Epifanias de um Mito: III

*Cordeiro de mim
Renegado, enrustido
Que se transviou*

*Por que choras?
Se há lodo em demasia
Se há vida a desfazer*

*Compaixões proferidas
Não tem valor
Sobre um leito sujo*

*Espúrio regozijo há
Em meia dúzia de encantos
Na porfíria dos bordeis*

*Onde alguém desejou
A si mesmo
Morto*

*No deleite de um giz
O orvalho mirim
Natimorto*

Epifanias de um Mito: IV

*Não obstante, o tempo é
A mácula, a chaga
Do contínuo*

*Para todos, o fim
O cervo que cai
Na mata*

*E quem fui, quem pude ser
Quem serei, quem poderia
Eu... querer ser?*

*Agora abortado
Esquartejado
Em ilusões*

*Mito miserável
Não se faz, não se move
Um mero orgasmo*

*Regurgito o mal
Que me aflige
E me avulta*

Epifanias de um Mito: V

E lá estava novamente

O cerne vivo

Paradoxo, convoluto

Dilemas aparentes

Dissolvendo-se ao toque

De qualquer esmero

Suas mãos eram o cinzel

Sua pele ardendo em chamas

Branças

Epifania

Que me toma

Amor sem fim

Um eros conciso

Cristalino

Num tema

Meus olhos trincaram

Enlouquecidos, estilhaçados

No advento

Epifanias de um Mito: VI

*Derretendo o ato
E toda ideia vaga
De um viciante frisson*

*Onde andava, onde estive
Cego? Surdo? Que não sentia
Em mim, o tudo*

*Anseio, tarde, moribundo
Meu dias, buscar
No transbordo*

*Mesmo empalado
Por obeliscos
Destilados*

*Vinde, ó, maré
E me lava, me transforma
Em água-viva*

*E reverte este sol
Negro, que agora te afronta
Por meus caprichos*

Epifanias de um Mito: VII

*Um verbo seco
Era tudo e muito mais
Era o nada*

*De um melisma
E o levante secular
Que hoje me fustiga*

*Transeunte, abismal
E novamente
Só meu*

*Queima-me, fecunda-me!
Da semente que não perece
No mal que abunda*

*Os hiatos são muitos
Mas há muitas oliveiras
Neste meu calvário*

*Não há fuga
Só paixão
Em te imitar*

Epifanias de um Mito: VIII

*E então, me veio graça
Despencando dos cumes
Acidentando a paisagem*

*Magistrando a verdade
Como foice que limpa
Devaneios pueris*

*Expondo as carcaças
De todos os fantoches
Para que todos vissem*

*O que contemplares
Dir-lhe-ei, é insano
E perfeito*

*Por quem vós clamareis
Com línguas dobradas
E joelhos retorcidos*

*Eis o altar, diligência
Entre nuvens e rochedos
Da mais bela catarse*

Epifanias de um Mito: IX

*Musas translucidam
Parcas que operam
As árias de um trovão*

*Tidais cessaram
Como incensos apagados
Em novenas*

*E o sêmen de luz
Iridesce, absorto
Das mais densas umbras*

*Eu, teu zelote
Teu amante
Dou-lhe a braca*

*Que destrava as efígies
E expurga a imundície
Por todos os diques*

*Põe teu lábaro, consorte
Do mistério, e desordem
Encarnados*

Epifanias de um Mito: X (epílogo)

*Querubim, que descende
Deflorado, revira-se
Na encosta*

*Afogado nas águas
Da mesma praia
Em que me perdi*

*Onde estão tuas asas
Que não vibram
Absolutas?*

*Não tardarás, consumado
Qual será a tua prece?
Em línguas ou em bile?*

*Não, não me ocorre
Que te faças pio
E implore*

*Ora, volverei
Para longe
Pois não o conheci*

De Litteris Eroticis: Carta para Giselle

*Que simples dizer
E ajustar palavras
Verbos sórdidos, prosa vazia
Já que não dizem
Não querem dizer
Nada dirão
Do que já é tudo*

*De tantas tangências
Lugares comuns
Em nossa mentes
Das nossas línguas
Ávidas, rápidas
Cansadas, que se querem
Entremear*

*O que me falta
Tão urgente, tão sagaz
É pouco, é ardil
Que me faço tolo
Febril, moribundo
Entre águas que concorrem
Num segundo*

*Um momento de paz
Um instante fugaz
Espaço cristalino
Onde tudo se reduz
Intacto, coeso
Onde nada se desfaz
Na necessidade*

A pergunta se mostra

Quem serás tu
Quando eu lhe tocar
Hora exata em que morre
A razão em meu corpo
Do teu corpo
Não há volta

O que vou extrair?
Que forço a escrever
Deliberando, delirante
Arbitrando, nauseante
Um contorno claro
Opaco, devaneio
De um gozo

Em teu suspiro
Tenho pena
Que te quero objeta
Me faço objeto
Emplaco em teu gosto
Ilusão, minhas mãos
A se perder

Um ensaio entreposto
Novamente, é a pose
A dose, que me quer
Que nos quer
Belos, açorados
Num conceito
Acidentado

Só pode ser obra
De uma deidade
Que te faz beldade
Na minha queda
Do rugir da carne

Já rôta, mareada

Que te inoculo

Que suja te faço

Te lambo, desfaço

Alcalina, despedaço

Cada membro teu

Num quadro branco

Que te mesclo, aquarela

Obra-prima

De Litteris Eroticis: Carta para Camila

*Não me pergunto
Quem de nós dois
Vai dizer que é impossível
Ou fingir que é improvável
Que dois olhos falem
Que a pele negue
O que já é memória*

*Volta e meia, de relance
Ora doído, ora absorto
Intrigado, fissurado
Pego-me largado
Perdido, despido
De toda ideia a ser escrita
Sobre ti*

*Que não avisto arestas
Que és meu pecado
Imperfeito, resolutivo
Desejado, inalcançável
Faz-se etéreo
Carente de vias
Para se consumir*

*E algum dia serás tu
A flor de outrem
Lampejo doce
Duma aurora qualquer
Ou da tarde que cai
Numa cama quente
Dessas, sem mim*

A servir de consolo

*Ou talvez espólio
De um valor mais alto
Se bem que duvido
O que quero de ti
É bem claro, tenho repertório
Que não posso citar*

*Fagulha egrégia
Me erode a alma
Explodindo em meu ser
O que antes morto
Agora revivido
Em angústia, em delírio
Arauto de ti*

*Não cogito o amanhã
Que me possa levar
A teu ventre tenro
Ou marés brutais
Que varrem a encosta
De um fiorde escondido
E sagrado*

*Da pior forma, eu prevejo
A semente perdida
As chagas contidas
E o revés
De um feromônio, maldito
Faz-me teu, sou teu!
Acólito*

*A viver nas sombras
A redigir as páginas
De um livro curto
Que começa em tua boca
E se encerra em tuas coxas*

Tão fartas

Tão delgadas

Se há olhos e ouvidos

Testemunhem, verifiquem

Não há dúvidas

Da obra dos céus

Do cosmos que aponta

Uma musa me afronta

A lhe adorar

De Litteris Eroticis: Carta para Amélia

*Passo em falso
Este mesmo
Que se impõe
Que nos mantém
Que nos promove
E apenas promove
Afastamento*

*Qual intento me dá
Teu olhar, tuas nodas
Teu semblante, teu busto
Me convida, avidamente
Ligeiramente obtuso
Nas nossas vésperas
Breves*

*Em posse da mesma ideia
Todos os dias, pergunta
Por que teus olhos não reviram?
E os suspiros são forçados
Fingidos, ensaiados?
Tu bem sabes, o desejo
Não se negocia*

*E eu não ligo
Que seja ele, que não seja eu
Que seja ela, que não sejas tu
Em minha mente, eu te tenho
Como quero, quando eu quero
Da maneira mais vã
E vulgar*

Sobre mim, dentro de ti

*Embaraçados, esvaídos
Encharcados, embaçados
Esmaecidos, esmerilhados
Suas ancas, seu encosto
Em teus seios, do meu gosto
Meu querer, insaciável*

*De tua saliva, ser tua seiva
E te correr, provar
Lasciva, profunda
Apertada, túrgida
Em teu âmago, supernova
Penetro-te, faço-te
Mulher*

*Todo o tempo gasto
O que foi perdido
Não se compara
Não é nada
Nunca foi
Basta uma vez
Ser-lhe o cinzel*

*Engastando-lhe de amor
Tanto amor
Todo o amor
Que te escorra
Como mel, com orvalho
Pingando, declarando
Uma nova manhã*

*Nunca cansados
Sempre ousados
Céticos, profetas
De um novo orgasmo
Que não se acumula*

*Que nos fogue
Como mercúrio*

*Beije-me agora
E esqueça
Tangendo embora
A latência, a ausência
E nossa vida, e o abismo
Que espera, sereno
Por nossa queda*

Antros e Intermitências: I

Ode aos filhos da puta!
Já que, se todos são,
Por que não ser também?

Andantes e prolixos
Belos e travestidos
De variados excrementos

A vós devo respeito!
Não por subir a régua
Mas por criá-la!

Antes de vós, havia o mau
E agora, tão somente o mau
Não vos abate!

Já nem lhes desejo o inferno
O anátema é parco
Tampouco o diabo os quer

Escória que são
Cegos por opção
Que sentimento me resta?

Saudai-vos, filhos da puta!
De tanto que brilham
Devo ser um também!